



A MELANCOLIA COMO MODO DE ESTABILIZAÇÃO NAS PSICOSES ORDINÁRIAS

MELANCHOLY AS A STABILIZATION MODE IN ORDINARY PSYCHOSES

LA MELANCOLÍA COMO MODO DE ESTABILIZACIÓN EN PSICOSIS ORDINARIAS

Victoria Sousa dos Santos¹, Rogério de Andrade Barros²

e483779

<https://doi.org/10.47820/recima21.v4i8.3779>

PUBLICADO: 08/2023

RESUMO

Este artigo pretende trabalhar sobre o diagnóstico das psicoses ordinárias que se apresentam de modos mais sutis e que demandam uma análise mais minuciosa para serem notadas, pois encontram modos de estabilização diante da falha no enodamento que permitem um ajustamento ao meio. Dentre os modos possíveis de estabilização, este artigo pretende deter-se na melancolia, tendo como objeto específico de investigação a peculiaridade das psicoses ordinárias melancólicas. Para isso, usufruiu-se da literatura especializada da psicanálise de orientação lacaniana, iniciando com Freud para alcançar Lacan e Miller. Nesse sentido, foram estabelecidos três objetivos específicos, sendo eles: conceituar a psicose para a psicanálise; discutir sobre a formulação e especificidades das psicoses ordinárias e empreender uma leitura da melancolia como modo de estabilização nas psicoses ordinárias. Este último ponto, é realizado através de uma leitura de caso, para trabalhar as especificidades do diagnóstico a partir das externalidades millerianas.

PALAVRAS-CHAVE: Psicoses ordinárias. Estabilização. Melancolia.

ABSTRACT

This article intends to work on the diagnosis of ordinary psychoses that present themselves in more subtle ways and that require a more detailed analysis to be noticed, because they find ways of stabilization in the face of the failure in the knotting that allow an adjustment to the environment. Among the possible modes of stabilization, this article intends to dwell on melancholy, having as a specific object of investigation the peculiarity of ordinary melancholic psychoses. For this, it took advantage of the specialized literature of Lacanian-oriented psychoanalysis, starting with Freud to reach Lacan and Miller. In this sense, three specific objectives were established, namely: to conceptualize psychosis for psychoanalysis; discuss the formulation and specificities of ordinary psychoses and undertake a reading of melancholy as a way of stabilization in ordinary psychoses. This last point is carried out through a case reading, to work the specificities of the diagnosis from the Millerian externalities.

KEYWORDS: Ordinary psychoses. Stabilization. Melancholy.

RESUMEN

Este artículo pretende trabajar en el diagnóstico de psicosis ordinarias que se presentan de maneras más sutiles y que requieren un análisis más detallado para ser notadas, porque encuentran formas de estabilización frente a la falla en el anudamiento que permiten un ajuste al ambiente. Entre los posibles modos de estabilización, este artículo pretende detenerse en la melancolía, teniendo como objeto específico de investigación la peculiaridad de las psicosis melancólicas ordinarias. Para ello, aprovechó la literatura especializada del psicoanálisis de orientación lacaniana, empezando por Freud para llegar a Lacan y Miller. En este sentido, se establecieron tres objetivos específicos, a saber: conceptualizar la psicosis para el psicoanálisis; discutir la formulación y especificidades de las psicosis ordinarias y emprender una lectura de la melancolía como una forma de estabilización en las

¹ Estudante de Psicologia da Universidade Estadual de Feira de Santana, bolsista FAPESB.

² Doutor em Psicologia. Professor da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Coordenador do Laboratório de Pesquisa em Psicologia (LAPPSI). Membro da Escola Brasileira de psicanálise e da Associação Mundial de Psicanálise (EBP/AMP).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A MELANCOLIA COMO MODO DE ESTABILIZAÇÃO NAS PSICOSES ORDINÁRIAS
Victoria Sousa dos Santos, Rogério de Andrade Barros

psicosis ordinarias. Este último punto se lleva a cabo a través de una lectura de casos, para trabajar las especificidades del diagnóstico a partir de las externalidades millerianas.

PALABRAS CLAVE: *Psicosis ordinárias. Estabilización. Melancolía.*

INTRODUÇÃO

Ao investigar sobre os fenômenos psicóticos, Freud (1915/2010) percebe algumas características elementares que configuram essa estrutura. Através da leitura do caso Schreber, é possível perceber marcas que evidenciam o desencadeamento psicótico, como a certeza de ser capaz de sobreviver sem alguns órgãos vitais e que sua transformação em mulher provocaria a beatitude no mundo. Essas características remetem aos delírios e alucinações presentes nas psicoses extraordinárias e ficam evidentes em trechos como:

Pouco a pouco as ideias delirantes assumiram um caráter místico e religioso: ele se comunicava diretamente com Deus, os diabos faziam das suas com ele, via “fenômenos milagrosos”, ouvia “música sacra” e, finalmente, acreditava estar vivendo em um outro mundo (Freud, 1915/2010, p. 13).

Contudo, algumas psicoses não parecem seguir esse padrão de manifestação observado por Freud, pois se expressam de um modo menos notável e parecem encontrar formas de sustentar a realidade psíquica e evitar o desencadeamento. Isso aponta para a necessidade de ir além do binarismo das estruturas elementares da psicanálise – a neurose e a psicose – e defrontar-se com casos que foram considerados, por muito tempo, inclassificáveis, os quais não apresentam características referentes a uma neurose, como a repetição, nem características referentes à psicose clássica, como a alucinação e o delírio (Miller, 2010).

Quando Lacan (1955-1956/1988) trabalha com as manifestações psicóticas, percebe que nessas estruturas não há a inserção do Nome-do-Pai, ou seja, o significante organizador que permite a entrada no simbólico. Isso provoca um transbordamento de gozo no sujeito e ele precisa se arranjar mesmo com essa falha simbólica, o que ocorre a partir da construção de uma metáfora delirante, um fenômeno muito presente em psicoses extraordinárias.

Na contemporaneidade, novas manifestações de psicoses surgiram e psicanalistas da Associação Mundial de Psicanálise (AMP) passaram a contestá-las em 1990. Notaram que a forclusão do Nome-do-Pai não desempenha mais a função de provocar um desencadeamento, pois as psicoses parecem se ajustar de um modo singular a essa falta, produzindo formas de compensá-la sem grandes manifestações (Cordeiro; Guedes, 2014).

Lacan (1975-1976/2007) compreende a possibilidade de existência de mais de um Nome-do-Pai, culminando na pluralização dos Nomes-do-Pai, em que cada um enlaça os três registros – real, simbólico e imaginário – a seu modo, sem que haja primazia do simbólico sobre o imaginário ou o real. Para tanto, estabelece que os três registros não estão enlaçados, necessitando um quarto nó: o



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A MELANCOLIA COMO MODO DE ESTABILIZAÇÃO NAS PSICOSES ORDINÁRIAS
Victoria Sousa dos Santos, Rogério de Andrade Barros

*sinthoma*¹, cuja função é de enodamento. Com base nele, é possível compensar a foraclusão do Nome-do-Pai.

A psicose ordinária nos convoca a pensar na forma como cada sujeito precisa inventar uma solução singular que permita compensar a falta na própria estrutura sem apelar para o Nome-do-Pai e para o Outro que não existe, de modo que se permita manter unidos os três registros RSI (Cordeiro; Guedes, 2014, p. 246).

Por meio das elaborações do último ensino de Lacan, Miller (1998) classifica esse modo de expressão da psicose como psicose ordinária, ou seja, diz respeito aos sujeitos que apresentam o funcionamento psíquico referente a uma psicose, mas não apresentam os fenômenos elementares, como delírios e alucinações, que permitam o enquadramento nas psicoses extraordinárias.

[...] na história da psicanálise houve um interesse muito natural pelas psicoses extraordinárias, por gente que realmente lograva um êxito ressonante [...] enquanto aqui temos psicóticos mais modestos, que reservam surpresas, mas que podem fundir-se numa certa média: a psicose compensada, a psicose suplementada, a psicose não desencadeada, a psicose medicada, a psicose em terapia, a psicose em análise, a psicose que evolui, a psicose sinthomatizada – se me permitem (Miller, 2012, p. 242).

Assim, as psicoses ordinárias nos convocam para uma clínica do detalhe. Miller (2010) aponta para a necessidade de delinear as especificidades desse conceito, atento ao que Lacan (1956/1998) sinalizou como uma desordem “na junção mais íntima do sentimento de vida do sujeito” (*Ibid.*, p. 565). Ciente disso, este estudo busca discutir sobre as peculiaridades das psicoses ordinárias, mais especificamente aquelas que encontram a melancolia como via de ajuste para essa desordem.

1 AS PSICOSES NA VERTENTE FREUDIANA

O escrito inicial de Freud (1886-1899/1996) a respeito da psicose está presente no “Rascunho H: paranoia”. Nesse texto, ele indica que delírios e alucinações são uma defesa patológica diante de conflitos afetivos insuportáveis demais para serem associados conscientemente. Assim, a representação e a força afetiva que a ideia considerada conflitante para o Eu possui são projetadas para o mundo exterior como forma de defesa e expressadas por meio de delírios e alucinações naqueles que possuem predisposição para esse modo de organização psíquica.

Nesse período, Freud (1893-1899/1996) afirma que a psicose é o resultado de uma tentativa de esquecimento malsucedida, percebendo características fundamentais da psicose que se relacionam a esse processo de projeção, por exemplo: em vez de autoacusações, o que aparece é a desconfiança do outro sustentada pela certeza, em intensidades cada vez maiores. Esse aspecto é notado nos casos analisados. Em um deles, a paciente, chamada de Sra. P, “achava que as pessoas tinham alguma coisa contra ela, embora não tivesse ideia do que fosse; mas não havia dúvida de que

¹ Segundo Lacan (1975-1976/2007), o *sinthoma* se refere a um quarto anel capaz de religar os outros três anéis do nó borromeano – Real, Simbólico e Imaginário (RSI) – e suprir o desligamento causado pela foraclusão do Nome-do-Pai.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A MELANCOLIA COMO MODO DE ESTABILIZAÇÃO NAS PSICOSES ORDINÁRIAS
Victoria Sousa dos Santos, Rogério de Andrade Barros

todos – parentes e amigos - tinham deixado de respeitá-la e estavam fazendo tudo o que podiam para menosprezá-la” (Freud, 1893-1899/1996, p. 103).

Para explicar esses fenômenos, Freud (1915/2010) se serve do conceito de pulsão e nota que ocorre um processo de retorno pulsional ao Eu na psicose, como uma regressão ao narcisismo primitivo das vivências de satisfações autoeróticas. Isso quer dizer que não há como investir em outros objetos além de si mesmo, o que se pode notar a partir da fala que se torna impossível de ser compartilhada.

Observa-se nos esquizofrênicos, sobretudo nos instrutivos estágios iniciais, um bom número de mudanças na linguagem, das quais algumas merecem ser examinadas de um certo ponto de vista. Frequentemente o modo de expressão é objeto de um cuidado especial, torna-se “rebuscado”, “afetado”. As frases são formadas com uma peculiar ausência de organização que as torna ininteligíveis para nós, de maneira que consideramos absurdas as manifestações dos doentes (Freud, 1915/2010, p. 102).

Verifica-se que, muitas vezes, o conteúdo dessas falas refere-se aos órgãos ou às inervações do corpo. Esses pontos foram analisados por Freud (1911/2010) durante a leitura do caso Schreber, no qual estão expostas as ideias delirantes do doente. Entre elas, Schreber conta que conversava diretamente com Deus, vivia fenômenos milagrosos graças a Ele e justificava essa vivência por meio de sua força de atração dos raios divinos. Além disso, tornou-se capaz de viver sem intestinos e pulmões e de engolir parte de sua laringe com a comida, mas restabelecia esses órgãos através de raios divinos que o tornaram imortal.

Apesar disso, é interessante perceber que, segundo o médico que acompanhou Schreber, quem não estivesse a par de sua doença teria dificuldades para notá-la, pois sua capacidade cognitiva e intelectual permanecia intacta sobre diversos assuntos, com exceção de suas ideias delirantes.

Sr. Dr. Schreber, não parece nem confuso, nem psiquicamente inibido, nem sensivelmente lesado em sua inteligência; é sensato, sua memória é excelente, dispõe de uma considerável massa de conhecimentos, não apenas sobre assuntos jurídicos, mas também sobre muitas outras áreas, e consegue reproduzi-los em sequência ordenada de pensamentos; interessa-se por política, ciência, arte etc. (Freud, 1911/2010, p. 14).

Campos (2022) indica que a existência de sentido no discurso paranoico ocorre por ele ainda direcionar a libido, mesmo que em pouca quantidade, para o mundo externo. Esse processo é denominado de aloerotismo, que é diferente de outros modos de expressão de psicoses, como a melancolia, na qual a libido retorna ao Eu. Ainda assim, em ambas ocorre um investimento libidinal narcísico predominante, em que os afetos são demonstrados com a construção de delírios e alucinações em atos projetivos, colocando o próprio sujeito como objeto.

Coutinho (2005) assinala que o delírio aparece como um modo de o psicótico interpretar a fragmentação narcísica do Eu e do corpo. Assim, escutar e estar atento ao modo de construção do delírio se faz essencial na prática psicanalítica para uma tentativa de estabilização desde sua criação. Além disso, ao cessar a relação com o mundo exterior, há uma dificuldade maior para o psicótico em estabelecer laços, demandando a construção de um delírio.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A MELANCOLIA COMO MODO DE ESTABILIZAÇÃO NAS PSICOSES ORDINÁRIAS
Victoria Sousa dos Santos, Rogério de Andrade Barros

Para demarcar a relação entre as construções de delírios na psicose e o inconsciente, Freud (1915/2010) distingue em seu artigo *O inconsciente* o que são “representações de coisas” e “representações de palavras”. Nele, indica que as representações inconscientes seriam representações de “coisas”, que para serem ligadas a representações de palavras precisam acessar a consciência. O recalque presente na neurose parte exatamente do processo em que as “representações de coisas” e as “representações de palavras” são separadas. Todavia, como não há recalque na psicose, as representações de coisas se expressam por meio de fenômenos como o delírio. Dessa forma, psicóticos revelam modos de organização inconscientes que não são revelados por neuróticos (Santos; Oliveira, 2012).

Em seu texto *Neurose e psicose*, Freud (1924/2011) faz distinção entre esses dois modos de operar, ambos são resultados de uma perturbação afetiva. Contudo, a neurose é o resultado de um conflito entre o Eu e o Id e a psicose é o resultado de um conflito entre o Eu e o mundo exterior. Nesse último caso, o delírio aparece como uma tentativa de religamento ao mundo exterior. Assim, ambas as estruturas decorrem de uma frustração, mas o psicótico a vivencia tão insuportavelmente que recria a realidade, enquanto o neurótico constrói a fantasia (Campos, 2022).

Em *A perda da realidade na neurose e psicose*, Freud (1924/2011) ressalta que a perda da realidade está presente em ambas as estruturas, tanto na neurose como na psicose. Contudo, o neurótico parece encontrar formas de evitar essa perda. Isso evidencia que são utilizados meios diferentes para lidar com os impulsos provenientes do Id, pois à medida que o impulso reprimido avança, a psicose responde por meio de delírios e alucinações e a neurose se serve da fantasia, em que supostamente o objeto não foi perdido, tendo por efeito uma perda pontual, e não completa, da realidade, como na psicose. Assim, entende-se que “na neurose uma porção da realidade é evitada mediante a fuga, enquanto na psicose é remodelada” (*Ibid.*, p. 217).

Essa distinção é ainda mais demarcada quando Freud analisa o caso *Homem dos lobos* e ressalta que “uma repressão é algo diferente de uma rejeição” (Freud, 1914-1918/2010, p. 71). Isso quer dizer que os mecanismos psíquicos que atuam em uma neurose são diferentes daqueles que atuam na psicose: enquanto o neurótico reprime, o psicótico rejeita a castração. A palavra utilizada por Freud para se referir a essa rejeição é *Verwerfung* (Freud, 1918/2010 *apud* Barbosa, 2019).

2 A ESPECIFICIDADE DA MELANCOLIA PARA FREUD

No *Rascunho G: Melancolia*, Freud (1889/1996) reconhece, mais além da paranoia, que a pulsão se retrai para o interior em uma outra afecção: a melancolia. Nesta, os caminhos realizados pela pulsão caracterizam-se como uma perda, resultando na escassez pulsional por conta de um furo na psique grave o suficiente para provocar uma hemorragia libidinal. Esse processo produz como efeito a inibição e uma retração para si mesmo, como se o doente estivesse acometido por uma ferida narcísica.

Em *Luto e melancolia*, Freud agrupa boa parte de seu entendimento a respeito da melancolia, servindo-se da vivência do luto para aprimorar ambos os conceitos. Ele afirma que os estados se expressam diante de perdas, sejam elas reais, sejam abstratas. Todavia, o luto não é considerado



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A MELANCOLIA COMO MODO DE ESTABILIZAÇÃO NAS PSICOSES ORDINÁRIAS
Victoria Sousa dos Santos, Rogério de Andrade Barros

patológico, enquanto a melancolia parece demandar uma predisposição psíquica, manifestando as seguintes características:

[...] em termos psíquicos, por um abatimento doloroso, uma cessação do interesse pelo mundo exterior, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e diminuição da autoestima, que se expressa em recriminações e ofensas à própria pessoa e pode chegar a uma delirante expectativa de punição (Freud, 1915/2010, p. 128).

Apesar do luto apresentar características semelhantes, nele não é observado a diminuição da autoestima. Ainda que um tempo seja dedicado apenas à vivência desse luto, já que é difícil abandonar um investimento libidinal após esse período, o Eu fica desinibido a investir em outros objetos novamente. Entretanto, a perda na melancolia é classificada como inconsciente, na qual não se sabe o que foi perdido, mas provoca um intenso trabalho interior (Freud, 1915/2010).

Em busca de compreender esses fenômenos, Freud (1915/2010) nota que as autorrecriminações na melancolia se dirigem, na verdade, ao objeto amado que foi perdido. Ao ser abandonado, a libido do melancólico retorna para o Eu em vez de ser destinada a um novo objeto. Essa libido que agora se encontra no Eu é utilizada para identificar-se com o objeto perdido, contudo, resta ao melancólico apenas a sombra desse objeto. Esse conflito resulta em uma cisão entre o Eu que já existia e o Eu que foi produzido por meio da identificação.

Por esse motivo, a melancolia é considerada por Freud (1915/2010) como uma afecção narcísica, já que essa intensa ligação com o objeto amoroso que impossibilita sua substituição indica que a escolha objetal ocorreu de forma narcísica. Quando esse investimento é perdido, retorna ao narcisismo e produz a identificação, como uma tentativa de impedir essa separação. Assim, toda hostilidade que deveria ser direcionada ao objeto retorna ao melancólico, tornando-o propenso ao suicídio.

Freud (1924/2011) ainda considera a possibilidade de a melancolia ser decorrente de um conflito entre o Eu e o Super-Eu, sinalizando que o Super-Eu, ao representar psiquicamente as exigências sociais, também pode acarretar frustrações diante de expectativas não correspondidas. Como na melancolia o objeto que recebe esses investimentos sádicos foi acolhido pelo Eu, é essa instância que é punida e culpada. Neste momento, a melancolia é considerada uma psicose narcísica.

Em resumo, nos casos de melancolia analisados por Freud (1915/2010), para além da perda subjetiva, a autoestima do melancólico é severamente afetada e isso fica evidente através das autorrecriminações e do delírio de pequenez que acomete o doente, configurando uma psicose extraordinária melancólica. Assim, com este conceito delimitado, pretendemos investigar uma manifestação mais contemporânea: as psicoses ordinárias melancólicas, para que as investigações da clínica psicanalítica alcancem a subjetividade da época (Lacan, 1953/1998).

3 DA VERWERFUNG À FORACLUSÃO DO NOME-DO-PAI: AS PSICOSES EM LACAN

As elaborações de Lacan, ao realizar uma releitura de Freud, promovem um avanço à teoria psicanalítica. Lacan (1955-1956/1988) afirma que a rejeição à qual Freud se refere ao utilizar o termo



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A MELANCOLIA COMO MODO DE ESTABILIZAÇÃO NAS PSICOSES ORDINÁRIAS
Victoria Sousa dos Santos, Rogério de Andrade Barros

Verwerfung na psicose indica uma recusa à entrada no mundo simbólico, quando o sujeito experimenta a ameaça de castração. A forma que o psicótico encontra para se adequar ao mundo é pela via da metáfora delirante. Desse modo, aquilo que foi excluído do simbólico reaparece pela via do real, explicando a sensação de realidade durante a vivência de alucinações.

Diferente da ideia constituída por Freud, em que os modos de satisfação partem do resultado do Complexo de Édipo, demandando a intervenção paterna para que tenha um final satisfatório, interditivo, Lacan (1955-1956/1988) entende que a intervenção paterna é a palavra, um significante que ordena a cadeia simbólica e impede o desencadeamento, ordenando o discurso. Assim, não se trata do “pai natural, mas do que se chama o pai. A ordem que impede a colisão e o rebentar da situação no conjunto está fundada na existência desse nome do pai (*Ibid.*, p. 114).

Para adequar a linguagem de acordo com sua percepção, Lacan (1955-1956/1988) substitui o termo *Verwerfung* pela palavra foracclusão. Barbosa (2019) indica que, dentre os significados da palavra foracclusão escolhidos por Lacan, destacam-se as noções de excluir, banir ou expulsar. Portanto, um significante primordial, o Nome-do-Pai, é foraccludo da organização psíquica na psicose.

Ramirez (2004) indica que sua não inscrição implica a existência de um furo no significado, que passa a ocupar o lugar da significação fálica. Ou seja, há um vazio no lugar que deveria existir um nome para impulsionar o deslocamento de significantes. Nas palavras de Lacan (1959/1998):

É num acidente desse registro e do que nele se realiza, a saber, na foracclusão do Nome-do-Pai no lugar do Outro, e no fracasso da metáfora paterna, que apontamos a falha que confere à psicose sua condição essencial, com a estrutura que a separa da neurose (*Ibid.*, p. 582).

Com o significante primordial foraccludo, a relação com o Outro acontece de um modo diferente da neurose. Como esse Outro não é barrado, ele é forte o bastante para invadir o sujeito na psicose. Em resposta a isso, o psicótico cria seu saber por meio do delírio, sem espaço para dúvidas. Além disso, como é indicado por Freud (1911/2010) no caso Schreber, o delírio também tem a função de estabelecer um vínculo com o Outro (Celani; Laureano, 2010).

É com base na observação de casos como o supracitado que se faz possível perceber características que marcam a foracclusão do Nome-do-Pai. Dentre elas, destacam-se fenômenos como as perturbações na linguagem e as alucinações, seguindo a premissa lacaniana de que, na psicose, aquilo que é excluído do simbólico reaparece no real (Lacan, 1959/1998).

Coloca-se em questão investigar o que fazer ou como se estabilizar ao não dispor desse significante, quando há uma demanda por significação incapaz de ser atendida e o sujeito se percebe diante de um buraco. É esse significante que falta a Schreber, pois, ao ser convocado para responder de um lugar que demanda a metáfora paterna, a sua psicose é desencadeada. Isso indica que, antes desse momento, havia uma estabilização em seu mundo.

Um mínimo de sensibilidade que nosso ofício nos dá nos faz ver claramente algo que se encontra sempre no que se chama de a pré-psicose, a saber, o sentimento de que o sujeito chegou à beira do buraco. Isso deve ser tomado ao pé da letra. [...] Trata-se de conceber, não de imaginar, o que se passa para um sujeito quando a



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A MELANCOLIA COMO MODO DE ESTABILIZAÇÃO NAS PSICOSES ORDINÁRIAS
Victoria Sousa dos Santos, Rogério de Andrade Barros

questão lhe vem dali onde não há significante, quando é o buraco, a falta que se faz sentir como tal (Lacan, 1955-1956/1988, p. 230-231).

Com base nisso, inquieta-nos pensar sobre as possíveis estabilizações diante de uma psicose. Neste artigo, pretendemos nos deter na estrutura da melancolia, acreditando que ela pode desempenhar esse papel de estabilização. Quando Lacan aborda a melancolia, nota que o processo de regressão da libido ao Eu existente nas psicoses não ocorre do modo comum na melancolia, pois nela “é o objeto que triunfa” (Lacan, 1962-1963/2005, p. 364). Isso quer dizer que o objeto não opera como causa de desejo, atuando apenas como objeto de gozo e impossibilitando a busca por novos objetos. Dessa forma, o sujeito abdica do simbólico para entregar-se ao real do gozo (Skriabine, 2006).

A relação do melancólico com o objeto também é explicada por Lacan (1964/1988), quando ele descreve o processo de queda do objeto a^2 . Em neuróticos, entende-se que, após as operações de alienação e separação e de inserção da noção de falta no sujeito, aquilo que resta é o objeto a . Essa extração inaugura o movimento desejante em neuróticos. Todavia, o melancólico introjeta esse objeto, impedindo o movimento desejante, e identifica-se com ele, manifestando isso por meio da posição de resto ou dejetado abandonado (Brunhari, 2011).

4 NOVOS ARRANJOS NÃO TÃO EXTRAORDINÁRIOS: AS PSICOSES ORDINÁRIAS

Diante das diversas manifestações psicóticas, o campo da psicanálise de orientação lacaniana avança ao perceber modos mais sutis de expressão dessa estrutura. Trata-se de casos que não apresentam delírios ou alucinações, mas, a partir de um olhar mais minucioso, é possível identificar a presença de características fundamentais de uma psicose. Por intermédio de Miller (1998), essas manifestações ganharam o nome de psicoses ordinárias, seguindo a perspectiva daquilo que se apresenta como comum, ordinário.

Além desses casos, a teoria do *sinthoma* proposta por Lacan (1975-1976/2007) também contribui para pensar sobre esses novos arranjos, já que pela obra de James Joyce percebe-se modos de compreensão da psicose, mais além do déficit do Nome-do-Pai, avançando para modos singulares de compensar a falha no enodamento dos três registros – real, simbólico e imaginário (Cordeiro; Guedes, 2014).

Nesse novo cenário, Miller (1998) faz uso do dispositivo clínico chamado conversação para ampliar as trocas entre os psicanalistas e avançar nos debates a respeito dessas novas manifestações. Assim, realizou-se o primeiro encontro chamado *O conciliábulo de Angers* (1996), em que os psicanalistas puderam revisar e trabalhar seus casos clínicos que expressassem algo diferente. Em seguida, a conversação de Arcachon (1997) ocupou-se das formas possíveis de complementar as elaborações lacanianas sobre as estruturas vigentes na clínica. Por fim, em 1998, na Conversação de Antibes, com o trabalho dos casos, notou-se a existência de psicoses sutis, que não manifestam aquilo que seria esperado até então (Barros; Santos, 2022).

² Segundo Lacan (1962-1963/2005), o objeto a é o objeto residual das operações de alienação e separação, que instaura a diferença e age como motor do desejo no sujeito.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A MELANCOLIA COMO MODO DE ESTABILIZAÇÃO NAS PSICOSES ORDINÁRIAS
Victoria Sousa dos Santos, Rogério de Andrade Barros

Essa descoberta permitiu abarcar casos que antes eram considerados inclassificáveis, por não apresentarem características básicas de uma neurose, como a dúvida, nem delírios ou alucinações evidentes que permitissem a associação direta com a psicose. Ainda assim, uma análise mais minuciosa permite notar a falta do significativo primordial, algo impossível de simbolizar, direcionando-nos à psicose (Miller, 1998).

É importante ressaltar que esse novo modo de manifestação das psicoses já havia sido previsto por Lacan (1956/1998), ao pensar sobre “uma desordem provocada na junção mais íntima do sentimento de vida no sujeito” (p. 565), sinalizando a existência de desarranjos mais discretos, mas que são fundamentais o bastante para abalar o sentido da vida e o modo de operar de cada um. Diante desses atributos, Maleval (2017) destaca a relação de afinidade entre a melancolia e a psicose ordinária, justamente por apresentarem traços mais tênues e usufruírem da identificação a traços sociais comuns para passarem despercebidos. Como ressalta Zbrun (2010), “são fenômenos psicóticos que podem existir bem antes do desencadeamento de uma psicose” (p. 3), evidenciando a necessidade de investigação, pois podemos estar diante de psicoses estabilizadas, medicalizadas ou em terapia.

Nesse sentido, indicamos que a melancolia pode ser compreendida como um modo de estabilização na psicose ordinária, ou seja, uma psicose ordinária melancolizada. Na tentativa de esclarecer essa afirmação, tomamos como base as externalidades estabelecidas por Miller (2010), que tentam dar conta de detectar a existência de uma psicose ordinária através de alguns sinais. Elas organizam-se em três: externalidade social, externalidade corporal e externalidade subjetiva. Esta última pode auxiliar-nos na identificação de psicoses ordinárias melancólicas.

A externalidade social se apresenta por meio de um apego muito grande a um papel social, em tal nível que separar o sujeito desse papel pode causar desestabilização, assim como não encontrar, de modo algum, esse lugar no meio social também é um indicativo. A externalidade corporal se expressa com base na existência de vivências corporais que demandam intervenções para prender o corpo a si mesmo. A externalidade subjetiva, por sua vez, manifesta a presença de um vazio não simbolizável e persistente, com tendência à predominância da inibição. Assim, é possível usufruir esses conceitos para tentar identificar psicoses ordinárias (Miller, 2010).

5 PSICOSE ORDINÁRIA MELANCÓLICA: UMA LEITURA DE CASO A PARTIR DAS EXTERNALIDADES MILLERIANAS

Neste tópico, objetivamos trabalhar a identificação de uma psicose ordinária melancólica por meio das externalidades millerianas. Contudo, para alcançar essas noções é preciso ter clareza a respeito das manifestações de uma psicose extraordinária melancólica. Como vimos, esses casos se enquadram naqueles investigados por Freud (1915/2010), em que o doente manifesta delírios de ruína, caracterizados pela certeza de ser ruim ou desprezível, pelo sentimento evidente de perda, ainda que de natureza desconhecida, que consome o doente e é exposto em suas relações afetivas. Dessa forma, nas psicoses extraordinárias melancólicas:



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A MELANCOLIA COMO MODO DE ESTABILIZAÇÃO NAS PSICOSES ORDINÁRIAS
Victoria Sousa dos Santos, Rogério de Andrade Barros

O doente nos descreve seu Eu como indigno, incapaz e desprezível; recrimina e insulta a si mesmo, espera rejeição e castigo. Degrada-se diante dos outros; tem pena de seus familiares, por serem ligados a alguém tão indigno. Não julga que lhe sucedeu uma mudança, e estende sua autocrítica ao passado; afirma que jamais foi melhor. O quadro desse delírio de pequenez — predominantemente moral — é completado com insônia, recusa de alimentação e uma psicologicamente notável superação do instinto que faz todo vivente se apegar à vida (Freud, 1915/2010, p. 130).

Diferente disso, investigaremos um caso analisado por Elizabete Siqueira (2018) para destacar características referentes ao diagnóstico de psicose ordinária melancólica. A partir do caso, é possível identificar as três externalidades apontadas por Miller (2010), que indicam a existência de uma psicose ordinária, além de características que apontam para uma estabilização pela via da melancolia, traduzindo em uma psicose ordinária melancólica.

Trata-se do caso de uma jovem de 18 anos denominada Lulu. A jovem aceita a análise por demanda externa, ao perceberem que não havia abertura a relações para além do campo familiar (Siqueira, 2018). Durante a análise, nota-se a externalidade subjetiva diante do fracasso nas tentativas de dialetização, que resultaram “no mais absoluto vazio de resistência e indiferença [...] ela está realmente identificada ao objeto como fora do campo do Outro” (Siqueira, 2018, p.134), como acontece em psicoses melancólicas. Dessa forma, não há uma fantasia atrelada à sua subjetividade capaz de produzir um sentido e não há nada que permita a saída do gozo autoerótico para dirigir a palavra a outros ou buscar acessar o outro.

Em outro momento, é proposto a Lulu que pague suas próprias sessões, em vez de serem pagas pela família, mas a paciente se nega, impedindo qualquer acesso ao dinheiro que retém. Simbolicamente, isso representa uma recusa à castração, ao impedir qualquer subtração, indicando que não ocorreu a vivência da operação de separação do objeto a estabelecida por Lacan (1964/1988) no Seminário 11, que permite a introdução da noção de falta no sujeito.

Apesar de a paciente cursar Direito, não existe uma relação entre ela e o curso, nem boa nem ruim. Isso destaca algo da externalidade social, pois, ao não ser capaz de se encontrar em uma função social, a paciente apenas aceita os cargos que são oferecidos a ela pela família, sem produzir um sentido a partir disso. De todo modo, são papéis que podem fornecer uma identificação, como ocorre na melancolia, que sirva de solução diante dessa desordem no sentimento de vida.

Além disso, é interessante perceber como a inibição comparece nesses casos de psicose ordinária, quando a analista relata que

não há queixas. Não há disputas. Não há rivalidades. Não há frustrações. Nada que se lhes assemelhe. Ela se apresenta com um panorama que é um deserto. Algo que se assemelha à inibição total de movimentos e iniciativas. Tampouco há angústia. Nada pede. É o analista quem se pergunta pelo que ela quer e como é viver assim. A pergunta está do lado do analista. O efeito de divisão está do lado do analista (Siqueira, 2018, p. 136).

Nota-se, também, que há um ganho diante da inibição, já que ela permanece inerte e presa ao gozo autoerótico. Nesse sentido, acreditamos que a melancolia comparece como uma solução, aquilo que possibilita uma regulação do gozo indomável e sem bordas, manifestando uma psicose



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A MELANCOLIA COMO MODO DE ESTABILIZAÇÃO NAS PSICOSES ORDINÁRIAS
Victoria Sousa dos Santos, Rogério de Andrade Barros

mais sutil, que não apresenta delírios ou alucinações, mas que o vazio predomina, sem qualquer significação a respeito dele, assim como não há vestígios de uma divisão ou conflitos sobre si mesmo e o outro (Siqueira, 2018).

Portanto, ao tempo que as psicoses extraordinárias melancólicas possuem características mais evidentes e tornam a enfermidade mais notável através das manifestações do delírio de pequenez e da instabilidade nas relações, as psicoses ordinárias melancólicas carecem dessas expressões mais enérgicas e até mesmo do estabelecimento de relações. Ainda que o sentimento de vazio permanente surja em ambas, nas extraordinárias ele se expressa através do discurso delirante, enquanto nas ordinárias é preciso uma análise atenta para localizá-lo. Assim, pela noção da sutileza em que as psicoses ordinárias melancólicas se manifestam, entende-se a necessidade de continuação com as investigações a seu respeito.

6 MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de caráter qualitativo, norteada pela teoria psicanalítica de orientação lacaniana. O objetivo principal perpassa pela investigação do conceito de psicoses ordinárias, mais especificamente, aquelas que utilizam a melancolia como forma de estabilização. Para alcançar este objetivo, discutimos neste artigo, sobre o conceito de psicose, atravessando os principais autores da psicanálise referentes a esse assunto: Freud, Lacan e Miller; para em seguida, trabalhar sobre as psicoses ordinárias e as especificidades das que se encontram melancolizadas.

7 CONSIDERAÇÕES

Como vimos, as contribuições psicanalíticas sobre as psicoses iniciam com Freud, com o estudo da paranoia e da leitura do caso Schreber. Dessa forma, é possível notar os fenômenos elementares que marcam a estrutura das psicoses extraordinárias, como os delírios e as alucinações. Nesse momento, Freud entende as manifestações psicóticas como um processo de regressão da libido ao Eu, ou seja, há um investimento narcísico da libido que separa o doente do mundo exterior. Diferente da neurose, em que a cisão é feita entre o Eu e o Id. Assim, o que é visto como patologia nas psicoses – os delírios e as alucinações – são, na verdade, uma tentativa de religamento com a realidade.

Ao tratar a melancolia também como uma psicose, por possuir a característica fundamental de regressão da pulsão para o interior, Freud delimita algumas características fundamentais dessa estrutura em contraposição com o luto. Na melancolia, a autoestima é severamente afetada e o sentimento de perda que tanto acomete o doente não é localizável, caracterizando-a como uma perda inconsciente. Essas características ficam evidentes na fala, quando o doente diz se sentir indigno aos outros, faz diversas recriminações a si mesmo e espera por punição.

Para Lacan, as psicoses passam a representar uma recusa à entrada no mundo simbólico, que produz como efeito o retorno do que foi rejeitado pela via do real. Essa entrada no mundo simbólico ocorre pela intervenção paterna, nomeada por Lacan como Nome-do-Pai. Entretanto, nas



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A MELANCOLIA COMO MODO DE ESTABILIZAÇÃO NAS PSICOSES ORDINÁRIAS
Victoria Sousa dos Santos, Rogério de Andrade Barros

psicoses, a recusa indica que o Nome-do-Pai, significante primordial, está foracluído e que o grande Outro não é barrado, por isso tem força suficiente para invadir o psicótico, que cria seu próprio saber através do delírio como uma forma de responder a essa invasão. Nesse sentido, as psicoses se encontram privadas da capacidade de significação com sentido.

Este artigo buscou demonstrar um modo possível de estabilização quando o sujeito não dispõe desse significante primordial, propondo que a melancolia pode desempenhar esse papel em psicoses nomeadas por Miller de psicoses ordinárias, resultando em uma psicose ordinária melancolizada. A essas psicoses atribuem-se características mais sutis, se comparadas àquelas que foram observadas por Freud e Lacan, pois são casos de psicoses que não apresentam delírios e alucinações, mas, com base em uma análise mais minuciosa, é possível notar características fundamentais de uma psicose no funcionamento psíquico do sujeito.

A maneira que encontramos para demonstrar isso foi por meio da leitura de caso a partir das externalidades millerianas, possibilitando a identificação de uma psicose ordinária melancólica através das três externalidades propostas por Miller: a social, a subjetiva e a corporal. Desse modo, notam-se algumas especificidades do diagnóstico como: a predominância da inibição; de um vazio sem possibilidade de significação; a falta de um lugar ou papel social, sem direcionamentos a outro; sem conflitos ou angústias que indiquem um sujeito dividido; e outras características que reafirmam a tenuidade dessa estrutura.

Portanto, entende-se que a delimitação da noção de psicoses ordinárias melancólicas pode promover um avanço à clínica psicanalítica ao aprimorar o diagnóstico diferencial dessa estrutura com as psicoses extraordinárias melancólicas. Com este estudo foi possível perceber algumas de suas distinções e semelhanças, mas ainda assim reafirmamos a necessidade de continuação das investigações para melhor discernimento.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Keylla. Da Verwerfung em Freud à foraclusão em Lacan. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 41, n. 77, p. 57-64, 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/reverso/v41n77/v41n77a07.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2022.

BARROS, Rogério; SANTOS, Giovana. **Estabilização e psicose ordinária: usos do sinthoma na clínica contemporânea**. Cythère? 5. ed. [S. l.]: Federação Americana de Psicanálise de Orientação Lacaniana, 2022.

BRUNHARI, Marcos. **A sombra do objeto - um percurso entre a melancolia e a passagem ao ato**. 2011. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

CAMPOS, Sérgio de. **Investigações lacanianas sobre as psicoses volume 1: as psicoses extraordinárias**. Belo Horizonte: Topológica, 2022.

CELANI, Patrícia; LAUREANO, Marcella. Da foraclusão do nome-do-pai: a leitura lacaniana de Schreber. **Universitas: ciências da saúde**, Brasília, v. 8, n.1, p. 79-109, 2010. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/271088304_Da_foraclusao_do_nomedoPai_a_leitura_laciana_de_Schreber. Acesso em: 17 nov. 2022.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A MELANCOLIA COMO MODO DE ESTABILIZAÇÃO NAS PSICOSES ORDINÁRIAS
Victoria Sousa dos Santos, Rogério de Andrade Barros

CORDEIRO, É. F.; GUEDES, P. F. M. “O estatuto do inconsciente na clínica sintomática das chamadas psicoses ordinárias”. **Revista Subjetividades**, v. 14, n. 2, p. 235-249, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.5020/23590777.14.2.235-249>. Acesso em: 26 maio 2023.

COUTINHO, Alberto. Schreber e as psicoses na psiquiatria e na psicanálise: uma breve leitura. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 27, n. 52, p. 51-61. 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/reverso/v27n52/v27n52a08.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2022.

FREUD, Sigmund. **Obras Completas, volume 10**: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia [“o caso Schreber”], artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913). Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **Obras Completas, volume 12**: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **Obras Completas, volume 14**: História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **Obras Completas, volume 16**: O Eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925). Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

FREUD, Sigmund. **Primeiras publicações psicanalíticas (1893-1899)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 3).

FREUD, Sigmund. **Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos (1886-1889)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 1).

LACAN, J. **O seminário**: Livro 23: o sintoma. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 11**: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 3**: as psicoses. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

MILLER, J.-A. (Org.). **A psicose ordinária**: a convenção de Antibes. Belo Horizonte: Scriptum, 2012.

RAMIREZ, Heloísa. Sobre a metáfora paterna e a forclusão do nome-do-pai: uma introdução. **Mental**, Barbacena, n. 3, p. 89-105. 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/mental/v2n3/v2n3a08.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2023.

SANTOS, Tania. OLIVEIRA, Flávia. Teoria e clínica psicanalítica da psicose em Freud e Lacan. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 17, p. 73-82, jan./mar. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/zZ6T7Gsw3jYQbSry4CtZHmw/?lang=pt>. Acesso em: 20 nov. 2022.

SKRIABINE, P. La depresión, felicidad del sujeto? **Virtualia: Revista digital de la escuela de la orientación lacaniana**, 2006. Disponível em: <http://www.revistavirtualia.com/>. Acesso em: 20 fev. 2023.

ZBRUN, Mirta. A clínica diferencial das psicoses e as psicoses ordinárias. **Opção lacaniana online**, n. 3, nov. 2010. Disponível em: http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_3/A_clinica_diferencial_das_psicoses_psicose_ordinaria.pdf. Acesso em: 27 fev. 2023.